

A VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração próprias: Residência paroquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES


CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00
ANO III

MELGAÇO, 1 de Fevereiro de 1949

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 13

A VÍBORA... Em plena batalha...

por quem votamos nós?

 lavrador em toda a parte foi e é sempre bom amigo, e leal...

E contam velhas fábulas que certo dia um bondoso lavrador foi enganado, pagando com a vida a sua infinita generosidade... Foi o caso que vindo do seu campo, alegre e contente, a pensar nos filhinhos e na sua querida esposa, encontrara no caminho uma víbora.

E teve pena, muita pena daquela víbora, estendida pelo chão, sem vida. (Era no inverno e tinha muito frio...) E pegou nela, na víbora. Porque não? Se ia tanto frio e a víbora estava a morrer?

Lembrou-se, com a rapidez dum relâmpago, de que essa víbora, poderia matá-lo, quando estivesse aquecida, cheia de calor...

Mas não, não podia ser. Aquela víbora que ele salvara, mordê-lo depois! Isso, não! Não era possível!

ZZ

Levou-a para casa. Mostrou-a a sua esposa...

Olha, Maria, não é nada, é uma víbora que estava a morrer no caminho e trago-a para a nossa casa, para se aquecer ao lume.

— Quê? — Trazes-me para casa a morte? A víbora? Ela mata-nos, filho!

— Não. Ela há-de reconhecer o benfeitor que a salvou da morte.

A víbora não nos mata!

ZZ

E lá ficou com todos eles a víbora, junto do lume, a aquecer-se, a ganhar força, a ganhar vida... até que depois de alguns momentos, quando já pôde dar umas voltas, aquecida; quando se sentiu com força, salta ao lavrador e morde o raivosamente.

A víbora? Sim, a víbora.

E dentro de pouco, no meio de horríveis dores, o bom lavrador, bom e ingénio, morria; depois de fazer tanto bem!

ZZ

Amigos, é uma fábula que os livros contam. É! Mas quanta moralidade!...

O Snr. General Norton de Matos tráz a víbora, tráz o comunismo, a quem promete liberdade e a subida aos ministérios, onde ocupará diversas pastas.

Lavrador, se tens que perder, terras, leiras, casas, mulher e filhos, não sejas ingénio!

Não queiras a víbora. Não ajudes a matar-nos a todos. O dia 13 é decisivo, tremendamente decisivo.

Votando pelo Snr. General Norton de Matos, pões em leilão as tuas terras, a tua mulher, os teus filhos, votas pela víbora.

Dia alto na História de Portugal eterno!

Novo Director do «Diário do Minho»

Foi nomeado director do diário católico do Minho «Diário do Minho» o nosso conterrâneo P.e A. Luis Vaz.

MELGACENSES! LAVRADORES! AMIGOS! ... Vem af o dia, o grande dia, em que a Nação, ordeira, livre e conscientemente vai escolher o seu futuro Presidente da República.

Nós somos portugueses, somos cidadãos desta Pátria imortal, em que os nossos olhos viram a doce luz do dia!

Mas estamos fora e acima de todos os partidos! Ontem, como hoje e como sempre esperamo-lo em Deus, servimos os altos interesses de Deus, da Pátria e desta nossa querida «pequena Pátria» MELGAÇO.

Somos um quinzenário católico!

Na mesma linha de combate, no mesmo reduto de portugueses, ontem dissemos quanto Portugal deve ao Regime vigente.

Essa obra não se apagará jamais.

Mas lealmente, nobremente nós tivemos a coragem de apontar alguns defeitos.

É obra de homens, que não de anjos!

Mas também afirmamos! Nós não pudemos estar COM A OPOSIÇÃO. E pedimos aos nossos amigos que nela militam, que oçam as nossas palavras, também leais, sinceras e amigas.

É luta nobre e pura de ideais a que travamos. É nesta encruzilhada histórica, que marca os destinos eternos da nossa querida Pátria, mais firme, serena, objectiva e leal deve ser a nossa oposição!

Voltar à 1.ª República, É O ANSEIO DUMA GRANDE MAIORIA MAIORIA DA OPOSIÇÃO. — DERRUBAR O QUE ESTÁ. — M A S IMPOSSIVEL.

Nós, como católicos, não podemos estar de acôrdo com essa primeira República. Não! Porque nos fizeram sofrer muito!

NÃO FODEMOS ESQUECER que foi Ela que perseguiu o Cardeal de Lisboa Mendes Belos e os dois grandes Arcebispos, de Braga e de Évora, grandes figuras de Bispos, como o santo e nobre Prelado, que foi Dom António Barroso, por quem muitos indígenas da Angola, firmavam juramento invocando o seu nome.

NÃO FODEMOS ESQUECER que a 1.ª República perseguiu muitos sacerdotes, nos espoliou muitos passais, Seminários, Conventos, Colégios.

Espoliou, sim, imitando o gesto maçónico-liberal de alguns Governos da Monarquia dos últimos tempos. Nem poupou os paços dos Prelados.

As Ordens Religiosas

(comunidades de seres humanos, não eram anjos!) as Ordens Religiosas que a nossa Pátria sempre encontrou ao seu lado, nas grandes horas de triunfo, de paz, de trabalho, e nas tristes horas de lágrimas, de tragédia, ESSAS FORAM EXPULSAS!

EXPULSAS como qualquer quadrilha!

Nós vimos que se chegou ao ponto inconcebível de qualificar de MALFEITORES, aqueles frades que não obedecessem.

NÓS VIMOS que os padres e frades estrangeiros podiam atravessar as ruas das nossas cidades, vestidos com os seus hábitos característicos, e os nossos, na sua Terra, não!

NÃO FODEMOS ESQUECER que a 1.ª República proibiu o ensino da religião católica nas escolas primárias e o que é pior, nos proprios colégios ca-

(Continua na 3.ª página)

Lavrador! Comerciante!

Capitalista! Amigo!

Responde-me com sinceridade vamos: — que esperas tu do socialismo e do comunismo?

Que esperas tu da democracia antiga? — Se ela não foi capaz de manter a ordem nas ruas naqueles memoráveis 16 anos, o que seria agora, com o novo partido comunista?

Respondes-me que há ricos nessa frente. E eu afirmo que em Espanha, em que tudo parecia seguro houve frades que votaram pela República de lista aberta.

Depois... HOUVE UM MILHÃO DE MORTOS! A guerra civil.

§ § §

Benès, Mazarik, Petkou, Maniú e outros, muitos outros já pagaram caro a sua ilusão em democracias, em que entram os comunistas.

Na Sibéria, na Rússia, ainda pode haver lugar para ti, meu Amigo.

§ § §

Ah! mas os grémios! Aquela cota...

— Cinco tostões por mês, 6\$00 por ano, no geral, não é nada, para pagarmos a paz em que vivemos. Acorda, meu Amigo! Podes chegar tarde!

Em plena batalha... Falam os Grandes

da 1.ª República

tólicos. E isto, num país, em que os contribuintes eram na sua maioria católicos.

NÓS LEMBRAMO-NOS de que os oficiais de terra e mar foram proibidos de assistir aos actos de culto público.

Andava consagrada, pelo tempo e pelo uso uma frase cristianíssima:

— «No ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo...» Pois o Ministério da Justiça, em 1911, chegou a proibir essa locução nos documentos oficiais.

A 3 de Novembro de 1910 publicou-se a célebre lei do DIVORCIO, atn-tatória da dignidade da própria família.

O mesmo Casamento, que Deus elevava à categoria de sacramento, foi considerado como um «acto puramente civil».

As leis do Registo Civil.

As leis do Registo Civil fizeram do padre um fiscal do Governo, que tanto os feria: — não podiam baptizar, casar ou enterrar ninguém se o respectivo bofetim é isto sob penas graves.

No ano trágico de 1911 foi publicada a LEI de SEPARAÇÃO.

Nós admittamos vá-la a lei de separação, se ella fosse respeitosa, justa a leal!

E dizemos: vá lá! porque numa Nação em que a Igreja acompanhou sempre a Pátria sempre nas horas altas da vitória ou nas horas de lágrimas, em OUBRIQUE, ALJUBARROTA, ou ALCACER QUIBIR, porque nos havíamos de separar?—Mas roubar-nos, ferir-nos, insultar-nos, por cima, como se fez, não!

Alada hoje nos soam aos ouvidos aquelas palavras insultuosas dum Ministro da República: — «Sáiba morrer quem viver não souber». Dentro de duas gerações lerá acabado a religião em Portugal.

Ainda sobre a mesma lei de separação o próprio Pio X, então Vigário de Cristo, chegou a dizer ao mundo que ella era impropria dum país civilizado.

NÓS NÃO PODEMOS ESQUECER que, depois de se roubar a Igreja, que tantos pobres alimentara, através dos séculos, tantos alunos pobres ensinara, tanto bem espargira, nem sequer se lhe admitiu uma coisa bem simples: — o direito de adquirir bens, como qualquer outra sociedade.

Continuação da 1.ª pág.

Foi grande a ferida! Tam grande que os nossos Prelados, ainda hoje não podem dispor daqueles meios precisos e suficientes para que as dioceses vivam dignamente.

Em Braga, na Roma Portuguesa, ainda só há poucos meses, se entregou ao Ex.º Prelado o grande Seminário São Pedro e São Paulo, que, ironia das coisas! fora então destinado a prisões e quartel.

E quantas freguesias, por esse país fora, que ainda hoje teem de comprar casa e passal, para terem os seus párocos, já que essa primeira República lho tirou.

E quantas reuniões proibidas; quantos jornais assaltados!

Até em questões de toque de sinos, procissões e enterros, houve violência ás liberdades antigas.

Não nos digam que o Sr. General Norton de Matos promete liberdade de culto e não faz exco-munições por motivos religiosos ou políticos.

JÁ AS FEZ, não convidando para a célebre reunião dos jornalistas alguns jornal!

Sua Ex.ª não nos pode prometter a liberdade de culto.

Sua Ex.ª, no regime democrático, é apenas um homem e é um voto.

E nesse regime VALE A MAIORIA. Ora pois.

Quem é que Sua Ex.ª traz consigo? Sua Ex.ª, que foi o CHEFE DA MAÇONARIA PORTUGUESA e não nos consta que a abandonasse, traz-nos o COMUNISMO, o SOCIALISMO, e MUITOS DOS ANTI-GOS DEMOCRATAS, que já conhecemos do tempo das perseguições da 1.ª República. (Fazemos também justiça aos republicanos, de ideal puro e nobre!)

Esperar liberdade de culto do comunismo... que ingenuidade!

Mas o próprio Sr. General NORTON de MATOS lutou para que o nosso Corpo Expedicionário Português, em França, não tivesse capellães, quando todas as nações os possuíam.

Depois de muito porfiar, lá foram; mas nem sequer se lhes deu o pré equivalente ao dos soldados!

Era então S. Ex.ª Ministro da Guerra.

Não! Nós não acreditamos nessa liberdade de culto! Nisto já avançamos bastante.

Causou nos mágoa que um Sr. Tomaz da Fonseca verdadeiro primário em questões de religião, viesse, no próprio órgão do sr. General Norton de Matos, na Republica, insultar os catholicos e Nossa Senhora. Pediram liberdade e já serviu para blasfemias!

Era em 1917! Nesse ano, em que Nossa Senhora appareceu em Fátima, foram postadas praças da Guarda Republicana para que impedissem os fiéis de subirem à montanha santa, onde queriam rezar.

E nas estradas que conduziam a Fátima, foram postadas praças da Guarda Republicana para que impedissem os fiéis de subirem à montanha santa, onde queriam rezar.

Fazia então parte do ministério o próprio Sr. Norton de Matos.

NÃO! A 1.ª REPUBLICA, NÃO!

Isso não é lealdade!

Os inimigos da actual Situação censuram-na por ter criado a policia do Estado: P. I. D. E.

— Sabe-se agora que em 7 de Abril de 1919, pelo Decreto n.º 5367, fora creada uma policia secreta, muito mais perigosa.

Em 1921, o depuado Sá Pereira affirmava no Parlamento:

«A policia de Seguranca do Estado serve para assaltar casas de cidadãos, espancá-los, e ameaçá-los de morte com pistolas aperradas a desgraçados de 17 anos!

Era precisamente a policia dos democraticos, a que pertencia o Sr. General Norton de Matos.

— Também na 1.ª Republica se criaram a Legião Vermelha, o Fôrmição Branca, ainda hoje lembradas com horror!

§§§

Vamos então novamente para este regime de «Liberdade»?

O grande republicano, que foi generoso e tolerante, embora com alguns defeitos, o Dr. António José de Almeida, presidente da república, escreveu: «A nossa República vive em ditadura plena, mas a peor das ditaduras, porque é a ditadura dos bandos... Quem impera é a tirania dos antros. Suprema miséria! Suprema vergonha! (E mais adiante): Que nos matem!

E Ramalho Ortigão outra

grande figura a «ramalha figura», em Março de 1912 desbaja, traçando o panorama de Portugal:—esquartejado nas suas tradições, nas suas crenças, nos seus usos e costumes, na continuidade da sua experiência histórica, governado por um pessoal improvisado pelo favoritismo político, com uma instrução pública de pedantes, uma religião de ateus, uma policia de sicários, uma maioria de parlamentares ineptos, um ministério de energúmenos, uma burocracia de bagabundados e uma diplomacia de curiosos».

Homem Cristo, na sessão da Câmara de 6 de Novembro de 1924, aludindo a um incidente da mesma: «Se o caso se desse comigo, seria diferente, não sendo aliás estes casos para admirar, visto que vivemos num país de ladrões».

O Dr. Domingos Pereira, em 26 de Janeiro de 1916, evoca a célebre frase de Camilo: — Neste dilúvio de porcaria, as bestas são tantas e a arca tão pequena que ninguém se salva por causa das bestas.

O mesmo Dr. António José de Almeida em Junho de 1915 escreveu na República: O terror campeia pelo país.

O que vai pelo país não tem paralelo em nenhum país da Europa. Os representantes da Autoridade deixaram de ser garantia da ordem para serem em muitos pontos a garantia da perituação.

Tinha, em boa parte razão, aquella mulher que, levada presa para a esquadra, mostrou o avental cheio de peras e dizia: — este é o pão que a Republica dá aos pobres para roer.

Pagaram a assinatura do ano de 1948

Valdemar Rodrigues Soares; D. Maria de Jesus Domingues; Manuel Serafim Esteves; Angelo Garcia Vale; Justino Vieites; José Avelino Couso; José Severino Pires; Ismael Baptista; Guilherme dos Santos (20\$00); Firmino Alves Salgado; Manuel Rodrigues de Moraes; António Joaquim de Sousa; José Pereira (20\$00); Adeliño Vieites (20\$00); D. Maria do Rosário Damião (20\$00); José Custódio Rodrigues; Abílio Rodrigues; António do Nascimento Esteves; Manuel José Rodrigues; Carlos Paulino Fernandes; António Barbeitos da Silva; D. Maria Cristina Pita d'Almeida; Luís Augusto Rodrigues (20\$00); Raul de Sousa (20\$00); Luiz Monteiro; José de Sousa; Augusto Fernandes (20\$00); Martins Lourenço (20\$00); D. Palmira Esteves; D. Afra Gomes Pinheiro (20\$00); Policarpo Fontes; Victorino José Lopes (20\$00); João Baptista Vaz (20\$00); Augusto Domingues (20\$00).

Pagou o ano de 1947

Alfredo Abreu

RECIBOS de COBRANÇA

Estão a ser enviados a todos os assinantes, por intermédio de um nosso delegado em cada freguesia, os recibos de cobrança referentes ao ano de 1948.

Que todos paguem, sem demoras.

Correspondências

em atraso

Em razão de o último número inserir o artigo «Nós e as eleições», que as circunstâncias impunham, não podemos publicar a crónica «Por Melgaço e Concelho» nem o relato da Câmara.

Ressente se, portanto do atraso.

Pedimos desculpa ao autor e aos leitores.

A VOZ DE MELGAÇO

Director e Administrador:
P.º JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinquenário católico e regionalista
Redacção e Administração provisórias: Residência parquial de Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
A V E N Ç A

Chefe da Redacção e Editor:
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15000
ANO III

MELGAÇO, 15 de Fevereiro de 1949

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 19

O Sr. Marechal (Cartas de Longe...

Carmona

foi reeleito Presidente da República

Portugal acorreu mais uma vez às urnas, no passado dia 13, a fim de escolher, entre dois candidatos, o Chefe Supremo da Nação. E a escolha, por uma percentagem nacional de 80 por cento dos eleitores, recaiu em Sua Ex.ª o Senhor Marechal Carmona.

Durante mês e meio, a Nação pôde ouvir a campanha aberta a favor de dois candidatos. Muitos discursos, muitas palmas, muitos vivas.

Os partidários do Sr. General Norton de Matos uniram-se aos comunistas, atacaram a religião católica e ofenderam a honra da mulher portuguesa. A estas afrontas responderam milhares e milhares de mulheres católicas, os católicos e os portugueses em quem havia a chama do patriotismo e, portanto, da independência nacional. E em volta do Sr. Marechal Carmona reuniram-se todos os portugueses.

* * *

Em ó do corrente, a convite da Câmara Municipal do Porto, visitou a Capital do Norte S.ª Ex.ª o Senhor Presidente da República. E na Praça dos Aliados reuniram-se cerca de 300.000 portugueses que aclamaram delirantemente o Sr. Marechal Carmona, o qual falou à Nação.

Jamais se esquecerão estas horas inolvidáveis de patriotismo, em que, sem distinção de classes ou profissões, Portugal gritou: queremos Carmona.

No dia imediato, depois de uma garbosa parada militar, Sua Ex.ª o Senhor Marechal Carmona seguiu para Lisboa em comboio especial. No percurso, à borda do caminho de fer-

ro, aglomerava-se a multidão que ora saudava respeitosamente Sua Ex.ª, ora o aclamava com delírio.

Em Coimbra — a velha e deuta cidade do saber — povo, estudantes e lentes, com seus trajes doutoriais, vieram à estação, que parecia um exame, onde vitóriaram, com extraordinário calor patriótico, o Sr. Marechal Carmona. A Sua chegada a Lisboa, tendo-o acompanhado, desde Entre-Cam-lazar, o Sr. Dr. Oliveira Sa-lazar, milhares e milhares de portugueses, Oficiais de Terra, Mar e Ar, aclamaram o Sr. Marechal Carmona, em manifestação de espantosa vibração patriótica.

O Sr. Marechal Carmona, desta maneira, (Continua na 3.ª página)

Muito obrigado

A Administração de «A Voz de Melgaço» só tem que dizer «Muito Obrigado» aos seus assinantes. E as razões são estas:

- 1) pela compreensão e carinho com que aceitarão o nosso apelo para o pagamento voluntário de 20\$00 anuais pela assinatura;
- 2) pela maneira como tem sabido acompanhar os nossos sacrifícios.

Vamos mandar nestes dias de fim de mês os recibos de cobrança para todo o Concelho e esperamos poder dizer a todos os que faltam, também, «muito obrigado».

PANASQUEIRA, 23. — mesa. O seu nome «Taverna do Rato» é já consagrado, tem a sua história, e, na existência acidentada, vive o ritmo das minas. Quem, ao dominar, levado por sentimento um pouco mais digno que o estúpido desejo de emborcar copos, ou bater as cartas sobre a banca, for de alongada, em passeio benéfico, até à *Madarrada*, encontrará, forçosamente, grupos de operários, cujo destino ou procedência é, invariavelmente, a taberna do «Rato».

E, muitas vezes, contra vontade, é testemunha do espectáculo triste, da confusão e balbúrdia que faz uma dezena de bebedores habituais à porta da *tasca*, ou do andar pouco seguro, dos gestos e pregões medidos de alguém que já não pode com tanta calma uma destas casas de vinho, do jogo de cartas, do murro sobre a cabeça, que dá exemplos

destes, embora seja lícito admitir uma ou outra excepção.

A Companhia nunca foram indiferentes estes casos, tanto mais que não desconhece quanto podem influenciar o seu movimento, a sua vida, operários alcoolizados, por conseguinte, sem optido para o trabalho. Para fazer frente a este perigo, frequente, sobretudo, em aglomerados desta natureza, criou-se o *Club Recreativo das Minas da Panasqueira*, com uma sede em cada Secção, onde o trabalhador poderá divertir-se, em troca de uns míseros centavos. Esta agremiação está a prestando óptimos serviços às Minas e a Empresa, que não o ignora, corresponde, dando-lhe todo o apoio e auxílio. Em cada uma das sedes o mineiro tem à sua disposição um baralho de cartas, um tabuleiro de Damas e Xadrez, mesa de Ping-Pong, Negus e Bilhar, além da facilidade em praticar outras modalidades desportivas, como futebol, Wolley e patinagem. À sua custa mantem-se, na Panasqueira, uma Casa de Espectáculos, com cinema todas as semanas, e, ainda, uma barbearia.

É lícito admitir, por isso, que os benefícios são incalculáveis, em vista da frequência que tem, podendo ser, ainda, maiores com o tempo, criando novos divertimentos. Ultimamente, procede-se à organização de uma Sala de Leitura, que será, dentro de poucos dias, mais um melhoramento.

Em suma, não se pretende fazer negócio. O dinheiro junto vai-se gastando em novas aquisições, na certeza de que se existe o Club é para melhorar e facilitar a vida do operário, nesta mina.

Augusto Domingues

Castro Laboreiro

profeta

Na sessão de propaganda ouvimos um sábio (?) doutor da propagação do Sr. Norton de Matos a proferir o seguinte: «Estranha maneira de fazer propaganda (?) de fazer propaganda».

Não viu Sua Ex.ª, apesar de médico, que o problema número um — o mais urgente — é o das águas e que este vai ser resolvido, definitivamente, com a recente doação que o Estado Novo concedeu, e que Ele atacou. Bateu mal, Sr. Doutor: errou como crítico e, como médico, neste campo, também falhou.

O sábio (?) pelo visto já não conhece Castro dos nossos dias, onde a estrada que o Estado Novo construiu permitiu que a iniciativa particular construísse novas casas, amplas e arejadas. Isto não viu Sua Ex.ª o Doutor. Disse que as galinhas dormiam ao lado da gente e, nisto, com graça (?) englobou todos os animais. Informei-me e já sabia que não era verdade.

Disseram-me depois que Sua Ex.ª se retirara às cordes, que ficam nos baixos das casas.

Mas isto verifica-se, até, protesta.

PELA NOSSA TERRA...

DA VILA E ALDEIAS

PELA VILA DO ALTO DO PERNIDELO E CONCELHO

Em todo o mes de Janeiro fez um tempo admirável; lindos dias soalheiros. Não temos memória de tempo tão primoroso em igual estação.

Bom será que não tenhamos de pagar coro tão lindos dias. Pois, é bom não esquecermos aquele velho ditado que diz: — *perde-as o mes, mas não as perde as o ano.* Contudo, dado o adiantado da estação os rigores do frio já não serão muito para temer.

— Na sua «Vivenda» da Serra, Prado, tivemos a subida honra de ver acompanhado de sua gentil Esposa, o sr. Manuel José Solheiro de Oliveira, importante capitalista, aos quais «A Voz de Melgaço» apresenta respeitosos cumprimentos.

— Regosijamos em saber que a Junta de Freguesia de Castro Laboreiro, foi contemplada pelo Estado com a comparticipação de Esc. 22.500\$00, para abastecimento de água àquella povoação.

Com 22.500\$00, mesmo apesar da desvalorização da moeda, podem os nossos estimados castrejos fazer obra decente.

Está ali um bom exemplo e seguir pelas outras freguesias que embora mais necessitadas do que Lázaro não são atendidas, simplesmente porque não pedem.

Pedi e dar-vos-ão, disse J. Cristo.

— Na rua Direita desta vila, foi aberto ao público um novo estabelecimento comercial pertencente ao sr. Francisco da Silva Teixeira.

Trata-se de um modelar estabelecimento de mercearias e vinhos dotado de excelentes instalações higiénicas, pelo que desejamos um futuro muito próspero.

— No pretérito dia 2 realizou-se na freguesia de Remoães a habitual festividade em honra de N.ª Sr.ª das Candeias.

Também no dia 3 se realizou na histórica capela da Orada a tradicional festividade em hora do glorioso Bispo S. Brás.

Ambas constaram de-

missa solene a grande instrumental, sermão pelo consagrado orador rev.º P. Carlos Vaz e procissão.

E também no dia 6 teve lugar na pitoresca freguesia de Cristóval uma concorrida festividade em honra de Nosso Senhor. Como as primeiras, consistiu de missa cantada sermão e procissão.

Todas as festividades foram abrilhantadas pela Banda dos Bombeiros Voluntarios deste concelho que muito deleitou os numerosos forasteiros.

Os nossos parabens, pois, às respectivas comissões organizadoras das referidas festividades.

— Visitou esta vila, em 4 do corrente, o Ex.º Sr. capitão Ornelas Monteiro, muito digno Governador Civil do nosso distrito.

«A Voz de Melgaço» muito se honra por arquivar nas suas colunas o nome de tão illustre visitante e apresenta a S. Ex.ª os seus respeitosos cumprimentos.

— Também no dia 4 deu à luz uma criança do sexo masculino e sr.ª Maria Hermínia Pereira da Cunha, esposa do sr. Anibal Cunha.

Tanto a mãe como o recém-nascido estão bem.

— Para terminar, lembremos, a quem estas coisas possam interessar, que devem aproveitar este miangante de lua (dia 20) para proceder ao corte de madeiras para construções e mobiliário. Quem ainda o não fez, deve aproveitar a referida lua para cortar canas e vimes,

Lembramos também as podas. Olhem que *podar em Março é ser madraço...*

Loduvina Martins
Dentista

Consultas em Monção todas as Sextas e Sábados.

Casualmente veio parar às minhas mãos o «Jornal de Monsão» de 8 de Dezembro do ano findo.

Chamou a minha atenção uma «Carta Aberta» subscrita por Gentl de Valadares. Em linguagem elegante, louva e enaltece a iniciativa da construção do novo edificio para o cine-teatro daquela vila, prestando merecida justiça aos seus empreendedores, Srs. Raul Pereira da Rocha, Filipe da Rocha, Manuel Pereira e Evaristo Domingues, «naturais de Penso e quase monçanenses», diz a carta referida.

Devido a este «quase» não deixam de ser melgacenses, sendo de louvar as referências que lhes são feitas, tanto mais que atravessamos uns mal-

dados tempos em que a gratidão é *avis rara*.

A referida carta causou-me impressão, porque nós aqui em Melgaço, também possuímos um modelar cine-teatro, o SALÃO PELICANO, que, embora não seja de linhas tão aerodinâmicas como promete vir a ser o de Monção, é contudo bastante elegante, amplo e confortável. A sua aparelhagem de projecção sonora nada fica a dever às suas congéneres.

Por outras palavras, o nosso SALÃO PELICANO, feito com as *pratas de casa*, reúne todas as condições e requisitos para satisfazer o nosso me o.

Mais ainda: é obra de um só homem a quem os melgacenses ainda não significaram o devido reconhecimento por tão im-

portante melhoramento com que dotou a nossa terra. Não admira...

Bem sei que esse homem dispensa os elogios e detesta a publicidade, mas aqui, no meu observatório, não posso deixar de registar o seu nome e a sua obra, dirgindo-lhe as minhas humildes mas sinceras felicitações. Eu te saúdo, illustre Hilário Alves Gonçalves, e te felicito pelo grandioso melhoramento com que nos beneficiaste. Como no alto do Pernidelo se está mais perto do Céu e mais longe das más línguas e de todas as ingratições da terra, faço votos para que Deus multiplique os teus proventos a fim de que num futuro próximo, depois de respirares fundo e de te refazeres dos trabalhos passados, possas lançar ombros a novos empreendimentos, talvez um hotel de turismo!

Mário

Neblina

Inquietos... atarefados... andam os povos não sei com quê; nem se pode imaginar...

Sentem-se, ao longe, ribombando os canhões; vêm-se cair pais e filhos, no campo esterminador...; ouvem-se, no ar, os aviões e do mar o furor...

Vai se o trovão!... Conferências, reuniões, tratados para apresentarem a paz aos corações desprezados...

E nunca se entendem os homens sábios (!) Nas suas conferências e assembleias passou densa neblina...

Nova manhã aparceu, nela envolvida a dar-lhes (?) outra vida beligerá, carniceira...

O «mundo» só terá paz quando o nome de Maria Por louvado dia a dia Com ais duma nova vida...

JOSE GIGANTE

S. Paio, 10

Na última quinzena do mês de Janeiro, houve, nesta freguesia, os seguintes óbitos:

Em 16, à tarde, faleceu a sr.ª Francosa, da Rasa, sendo enterrada a 18. As 13 horas de 17, expirou Albano Joaquim Cortes, da Carpinteira, sendo o enterro no dia imediato. Tinha 73 anos. Em 19, às 2 horas, Maria de Nazaré Gomes de 41 anos, da Carpinteira, sendo enterrada em 20. E em 21, às 6 horas, faleceu a pequenina Fátima Reis, da Carpinteira, com 3 anos.

—No dia 25, às 23 horas, foi vista, nesta freguesia, uma aurora boreal, que oferecia lindo espectáculo.

—Encontra-se um pouco gripado, o rev. Abade desta freguesia. Estimamos-lhe rápidas melhoras.

—Também se acha no leito a sr.ª Guilhermina Gonçalves, do Pombal. Desejamos-lhe saúde.—C.

Voluntariado Os nossos PINHAIS

Das coisas mais belas na vida das armas, enternecedoras e chocantes é aquilo a que chamaremos o princípio da voluntariedade. Porque voluntários, ninguém os obriga; voluntários, sentem refluir em si como numa cachoeira ressonante e grandiosa, a chama sagrada do amor pátrio, da crença, da ideologia e da mística; voluntários lutam por convicção, por teorias, por concepção. Tem o seu quê de espiritual, de transcendente, e, sabem que nada tem a lucrar, antes pelo contrário. Voluntários, foram os moços da Ala dos Namorados do Mestre de Aviz e D. Nuno Alvares, cimentando a eternidade da Pátria nos cabeços e plainos de Aljubarrota; voluntários foram muitos dos que partiram nas naus da Cruz de Cristo, às terras do Prestes João; voluntários, foram muitos daqueles que no sonho de Alcácer, encontraram o fim em glória no norte de Africa.

Numa missão difícil, quantas vezes sabendo-se que são mínimas as probabilidades de éxito, o chefe pede voluntários. E eles aparecem, crescem perante o espírito num vôo de grandiosos, agigartam-se e projectam-se à luz da História, heróis obscuros, humildes, mas valentes. Foi assim na luta de 1914-18, foi assim que nos disse a poeira das narrativas do passado, de amanhã e de sempre. Onde houver um peito moço que não esteja imbuído de materialismo, de ceptismo e de descrença, existe um poeta e trovador. E um poeta é quase sempre um herói na hora decisiva da luta. Merece o voluntário o nosso respeito, vencedor ou vencido, águia da fantasia, asas partidas em pleno vôo do ideal. Merecem-nos admiração esses homens da Legião Estrangeira, caldeados Deus sabe em que intempéries da Vida, em que precipícios do Destino. Como o monge, desprenderam-se do mundo, passando um a viver para a glória imortal de Deus e outro, para o aniquilamento, para o nada, procurando talvez «morrer o que viver não soube». Um número e nada mais. Páginas de «Mimi Bluettes», embora cruas, são mesmo assim naquela vida!

Voluntários foram os nossos «Viriatos» na Guerra Civil de Espanha, onde houve heróis e mártires, comandados pela voz do

Ideal, vencendo uns, morrendo outros, glorificando-se todos.

Voluntários foram esses filhos da Nação Irmã que, deixando talvez ainda quente uma arena de sangue e toiros, um matraquear de castanholas, um olhar furtivo da mais graciosa e castiça gentil filha da Patria Imortal de Cervantes, buscaram nas estepes russas a concepção plena do seu ideal que não conhece fronteiras, ideal de paz humana, apagamento e solidariedade. porque é cristão: — *A Divisão Asul*. Afastado o problema político que divide os homens — que não queremos em causa — quem poderá negar heroísmo e abnegação ao princípio da voluntariedade? Vencer ou perder, não pode interessar ao soldado que combate na guerra espiritual, com fé e crença inabalável, porque sabe que — quantas vezes? — o seu sacrificio e o seu sangue, só vem a ter realidade em projecção de amanhã.

Voluntários de hoje, de amanhã de sempre! Voluntários de Aljubarrota, da India, de Africa, de Aquem e d'Alem Mar, da Guerra de Espanha, de toda a parte! Como avos-sua memória para alto, muito acima de qualquer insidia, qualquer gracejo de viela ou de navalha de ponta e mola, de jornalistas (?) relatores de jantares nas casas onde a coroa de Louros que de Homero honrou a fronte, pende nos humbraes duma taberna, como disse um dia o Poeta! Nem conhecem, como o Chefe no campo da batalha, desbaratando pequeno reduto, energia, heroismo e coragem a mais, perfilando-se perante o derrotado exangue, sem sinal de vida: — *Honneur à la courage mallareux!* Nem a frase de Cambrene ao vencedor já feito, nessa página magestosa de Victor Hugo, vencendo, porque quem fala assim de morte aos olhos, vence incontestavelmente. Mas... para quê? Quem combate por um ideal, azul, verde, branco ou vermelho, não carece de elogio de muitos, que não elevam — pelo contrário — mas tão somente da certeza do Dever que se cumpriu e da consciência em paz.

São bons todos os pensamentos porque o homem luta, pelo menos em pensamento e na crença de cada um. Respeitemos e não sejamos tão avaros

Embora o nosso conceito seja de área bastante reduzida em comparação de outros que são um colosso, Melgaço assim pequeno como é, fornece actualmente uma grande quantidade de madeira que Portugal, na maior parte, exporta para o estrangeiro.

Ainda agora, pela serra onde há mais abundância de pinheiros, os pinhais em que às vezes mal se podia lá penetrar com a vastidão dos pés estão a ser mondados, cortando os velhos e deixando os novos para desta maneira se desenvolverem mais rapidamente.

Os pinhais estão, portanto a sofrer um grande desgaste que há tempos era preciso. Os pinheiros velhos, mais desenvolvidos afogavam os novos, sendo, por conseguinte, necessários muitos anos, mesmo muitíssimos para o seu completo desenvolvimento, chegando, a acontecer o que já pudemos verificar — os pinheiros não cresciam absolutamente nada.

É claro que uma árvore, qualquer que seja a sua espécie, necessita para ser uma árvore satisfatória de viver desafogada além dos demais requisitos, para assim estar em plena comunicação com os raios solares facilitando uma transpiração mais eficaz.

Ora as nossas árvores viviam há anos em pinhais semi-inaccessíveis, porém há dois anos a exploração aumentou soberbamente. E os proprietários que, na verdade, tinham herdades, com pinheiros de todas as categorias venderam a maioria. Proprietários houve que já venderam pinhais inteiros.

Ainda eles não são pagos como deviam ser, porque os pinhais quase todos estão cicatrizados pela exploração da resina o que os desvaloriza imenso. Sem dúvida podemos afirmar que os proprietários não devem ressentir-se dessa desvalorização porque já embolsaram o dinheiro da exploração resinera que se tem desenvolvido aceleradamente.

Melgaço que em algumas freguesias possui pi-

na cegueira para que, punhamos uma multidão onde podia ter tresmalhado uma ovelha do redil.

Amadora, 14 1-1949

Abel Varela e Seixas

nhais extraordinariamente arborizados, precisam do tanto duma monda é portanto uma região riquíssima se os proprietários e industriais derem ouvidos:

— A indústria melgacense precisa viver sob rodas dinâmicas para em breve chegarmos ao auge da exploração...

— Snrs. Proprietários, cuidai bem, muitíssimo bem dos vossos pinhais, porque se assim fizerdes assegurada tereis a maior parcela da vossa película. Tratai bem dos vossos pinheiros e de todas as árvores que possuis nas herdades e florestas. Plantaí muitas e de boa casta que nelas tereis certo, o vosso porvir.

— Industriais, ajustai-vos razoavelmente com os proprietários. Deixai resplandecer a probidade de que o vosso coração está transbordante. Sede sinceros nos vossos convênios com os proprietários.

Já que tocamos ao deleve na exploração de pinheiros parece que não ficavamos satisfeitos se não fizéssemos alusão a um melhoramento de que a nossa terra tanto carece e que valorizaria muitíssimo a nossa indústria — o Caminho de Ferro. Eis o assunto a que a imprensa local se tem referido largamente. Só quando Melgaço estiver em comunicação directa com os grandes centros portugueses pelo caminho de Ferro é que nós poderemos afirmar que a nossa indústria chegou ao ponto culminante. Quanto mais rendosa não será para quem quer que seja!

Melgaço precisa dum Caminho de Ferro. É mister dotá-lo de tam grandioso e desejado melhoramento. Pura fantasia? Mera realidade? Um dia, estamos certos de que os factos o provarão.

2-2-949

L. B.

VARIEDADES

ORELHAS DE BURRO

Sabe porque são tão compridas?

Adão reuniu um dia todos os animais do Paraíso e deu a cada um deles um nome; ao ascendente do futuro e fiel companheiro de Sancho Pança deu o nome de burro. Passado algum tempo chamou de novo Adão os animais para ver se tinham decorado a lição. Peravam e todos responderam, guntou lhes como se chama a excepção do burro que se tinha esquecido. Adão zangou-se tanto que se foi às orelhas do pateta e puxou-

as com quanta força tinha, gritando: chamas te burro, burro, burro!
Foi desde então que esta espécie ficou assim adornada com aquelas duas imensas ventarolas.

EDÉTAL

Como modelo do édital brasileiro publicamos este: O cidadão J. F. M. Profeçor da escola publica do bom infento do Arto Chapapuci, por nomeação légal etc.

Faz saber a todos os pays de familias d'este Distrito que se axa aberta a eskóla publica do Alto Charapucú que fôl installada i aberta no dia 23 d'este corrente; i para iço convidô os mesmos pays de familias a viemem matriculá seus filhos e trazerem para a frequência desta eskóla.

E para que chegue ao conhecimento de todos e ninquem alegue a ignorancia fasso publico este outro de igual tior nos lugares publicos do costume.

Rio de Chapapucú 24 de Maio de 1892.

O profeçor—J. F. M.

FORÇA DE DIZER

Redigindo um auto, certo escrivão deixou cair indevidamente do bico da pena um digo, e assim o corrigiu no fim.

Declaro que onde digo digo, digo que não digo.

O Sr. Marechal Carmona

(Continuação da 1.ª pág.)

releito Presidente da Republica por sufrágio universal dos corações portugueses.

* *

E em 13 do corrente, o povo acorreu às urnas em número tão desusado que não há memória de coisa igual.

E Sua Ex.ª o Senhor Marechal Carmona foi releito, mais uma vez, Chefe Supremo da Nação.

Saudemo-lo com carinho e aclamemos o que encarna a autoridade máxima da Nação.

